

# ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

## Neolitização em Portugal

O público e o privado na  
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização  
de sítios arqueológicos



Titulo  
Arqueologia e História

Volume  
55

Edição  
Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa  
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52  
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção  
José Morais Arnaud

Coordenação  
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico  
*oficina de design* Nuno Vale Cardoso Et Nina Barreiros

Impressão  
Publidisa

Tiragem  
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses  
ISSN  
972/9451-39-7

Solicita-se permuta  
Exchange wanted

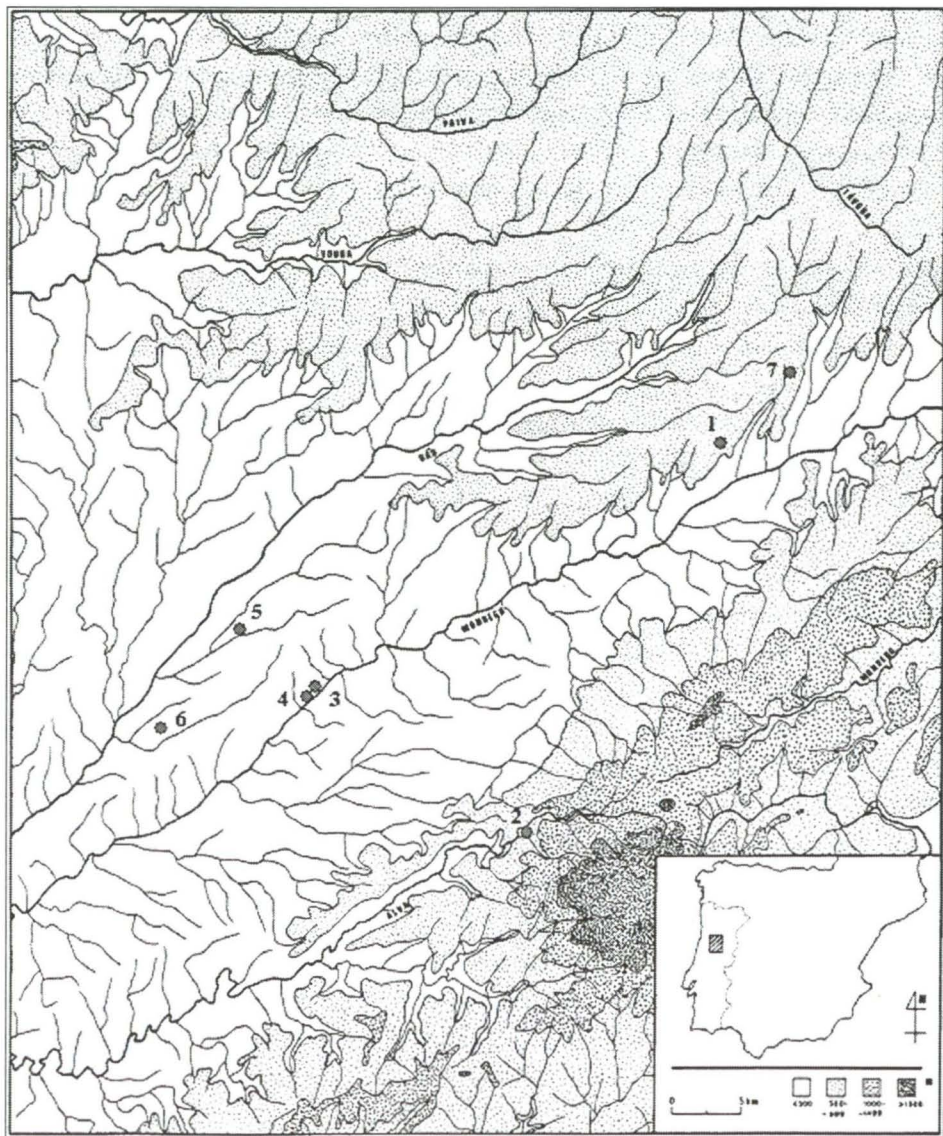
Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva  
responsabilidade dos respectivos autores

# A neolitização na bacia interior do Mondego: um ponto da situação

António Carlos Valera

## 1. Dados Arqueológicos Disponíveis

Os contextos conhecidos atribuíveis ao Neolítico Inicial na região são ainda em número reduzido. Correspondem a um núcleo situado na plataforma média do Mondego, composto por quatro sítios (Penedo da Penha, Carriceiras, Quinta do Soito e Outeiro dos Castelos), um sítio isolado localizado nos contrafortes da Serra da Estrela (Buraco da Moura de S. Romão) e os sítios da Quinta da Assentada e Quinta das Rosas, a Nordeste, já na zona de transição para o curso do alto Mondego (Fig. 1).



1. Sítios do Neolítico Antigo na bacia interior do Mondego. 1. Quinta da Assentada; 2. Buraco da Moura de S. Romão; 3. Quinta do Soito; 4. Penedo da Penha; 5. Beijós; 6. Carriceiras; 7. Quinta das Rosas.

O Penedo da Penha (PP) e o Buraco da Moura de S. Romão (BMSR) apresentam grandes afinidades entre si (Valera, 1998). Estes dois contextos correspondem a ocupações de abrigos entre penedos graníticos, apresentando alguns dos espaços ocupados ambientes de gruta. Caracterizam-se pela abundância de cerâmica, dominada por recipientes de morfologias fechadas, de estilística de inequívoca influência meridional, meseterna e eventualmente estremenha. As formas mais vulgares são os esféricos, as tigelas, os vasos parabolóides de fundo cónico espessado com ou sem colo, globulares e vasos tipo garrafa. As asas são vulgares, dominando as de cinta de secção elíptica ou plano-convexa (algumas decoradas), as de cinta em bobine e asas verticais de dupla perfuração horizontal. Ocorrem também as pegas aplicadas perpendicularmente ou obliquamente à parede dos vasos ou a partir do bordo e colheres em cerâmica.

A decoração está presente sempre em percentagens superiores a 60% dos recipientes. As técnicas mais vulgares são a impressão (destacando-se a ocorrência frequente da técnica de boquique) e a incisão. O almagre surge em vários recipientes e com carácter excepcional ocorre a técnica da excisão e o preenchimento a pasta vermelha. As organizações decorativas são muito variadas, apresentando uma clara tendência para a elaboração de bandas horizontais paralelas ao bordo, sendo este frequentemente denteado. Com alguma representatividade, é de destacar a presença de organizações incisivas penteadas. Estas estão associadas a recipientes esféricos e parabolóides de fundo cónico e colo, frequentemente com o bordo denteado, ou com asas de dupla perfuração horizontal.

O recente início do estudo arqueométrico das cerâmicas destes dois contextos (Jorge, 2002), trouxe novos contributos para a sua abordagem, nomeadamente no que se refere à questão da filiação estilística meridional e das implícitas relações inter regionais. No estudo já realizado, não se registaram diferenças tecnológicas significativas entre os dois sítios, facto que reforça a homogeneidade já observada na análise estilística, embora se evidenciem ambientes tecnológicos próprios (do ponto de vista químico e mineralógico). Uma pro-

vável produção local é, em ambos os casos, claramente dominante, sendo pontuais os casos que apontam para possíveis "importações".

A indústria lítica talhada é dominada pelo sílex, sendo o quartzo pouco expressivo. Em PP1 o talhe local está atestado, quer através da presença de núcleos, quer por alguns materiais de reavivamento (tabletes e flancos de núcleo), esquirolas, lascas corticais e vestígios de acidentes de talhe (lamelas ultrapassadas). Esta indústria lítica talhada seria orientada sobretudo para a produção de lamelas, obtidas através da técnica de pressão, seguindo-se as lascas com alguma representatividade. Os utensílios são, assim, predominantemente sobre suporte lamelar, sendo as lâminas simplesmente vestigiais. Dominam as lamelas com vestígios de uso em bruto ou com retoque simples, marginal e alternante, seguidas dos geométricos crescentes obtidos pela técnica de microburil (atestada numa lamela). Raspadeiras, lamelas de bordo abatido e lascas retocadas, estando presentes, têm pouca representatividade. Em BMSR os vestígios de talhe local são reduzidos, mas estão presentes, facto que, contudo, não descarta a forte probabilidade de "importação" de produtos debitados, nomeadamente das lamelas. A indústria documentada evidencia uma orientação para a produção de lascas e lamelas e, com excepção dos geométricos (ausentes em BMSR), assemelha-se bastante à registada em PP1.

A pedra polida é escassa em ambos os sítios, sendo de destacar a presença de quatro mini enxós de fibrolite com polimento integral em BMSR. De um modo geral, as secções são de tendência circular ou oval, variando o polimento entre integral e restrito ao gume. Relativamente aos elementos de moagem, a situação de escassez é idêntica, estando registados alguns moventes e escassos dormentes.

Situado na metade inferior da vertente norte do Vale do Mondego, o sítio da Quinta do Soito corresponde a um pequeno abrigo entre penedos, em cujo exterior se recolheram materiais à superfície e numa pequena sondagem (Valera, 2000a e 2000b), na qual foi detectada uma área de talhe de quartzo. Os materiais evidenciam uma indústria macrolítica de lascas sobre seixo rolado e utensilagem de características languedocenses,

assim como uma indústria de tendência microlítica, orientada para a produção de lascas e lamelas predominantemente em quartzo (o sílex é vestigial), estando presentes geométricos crescentes sobre lamela. A cerâmica é bastante escassa, destacando-se a presença de um bordo denteado com fiadas de puncionamentos laterais paralelos ao bordo, um bojo com impressões a topo e um bojo mamilado. A pedra polida está representada por escassos fragmentos de anfíbolito e um polidor, enquanto que os elementos de moagem estão totalmente ausentes.

O sítio das Carriceiras situa-se numa área aberta e aplanada do interflúvio Dão/Mondego. Apesar de ter sido parcialmente destruído pela plantação de um eucaliptal, as sondagens realizadas permitiram a identificação de algumas estruturas negativas e a recolha de um conjunto artefactual, relativamente homogéneo, composto por escassa cerâmica (onde cabe destacar um bordo

Foram detectadas ocupações do calcolítico final e do neolítico inicial. Estas últimas correspondem a um *habitat* aberto, tendo-se identificado depósitos de ocupação e estruturas de combustão (lareira e possível forno). Os materiais são compostos por cerâmicas predominantemente lisas, com formas esféricas ou tipo saco e formas abertas, sendo algumas decoradas com motivos impressos, incisos e, em dois fragmentos, pintados. A indústria lítica é dominada pelo talhe do quartzo embora o sílex também esteja presente. É uma indústria predominantemente orientada para a produção de lascas e lamelas como suportes de utensílios (utilizações em bruto, raspadeiras, denticulados, geométricos crescentes). Existem alguns segmentos de lâmina retocados, quase sempre em sílex). A pedra polida e os elementos de moagem são escassos (*Valera, no prelo*). Este sítio forneceu a única datação absoluta até ao momento disponível para o Neolítico Inicial regional:

Ref. Laboratório	Data BP	Cal AC 1σ	Cal AC 2σ
Sac - 1774	5870 ± 110	4898 - 4593	4964 - 4466

finamente denteado, um bojo com decoração incisa e um cordão plástico digitado) e uma indústria lítica talhada micro laminar, dominada por utensilagem sobre lamela: lamelas retocadas, geométricos crescentes, furadores distais sobre lamela e micro-buris (Senna-Martinez e Estevinha, 1994).

Quanto ao Outeiro dos Castelos de Beijos (onde se conhece uma importante ocupação do Bronze Final), os dados disponibilizados são ainda escassos, correspondendo a um conjunto de materiais cerâmicos de superfície cuja atribuição cronológica se baseia nos padrões e técnicas decorativas evidenciados por alguns fragmentos paralelizáveis com materiais do BMSR e PP (Senna-Martinez, 2000).

Quinta das Rosas corresponde a um possível *habitat* de abrigos entre penedos, ainda mal caracterizado, que forneceu alguns materiais cerâmicos decorados enquadráveis no período em questão.

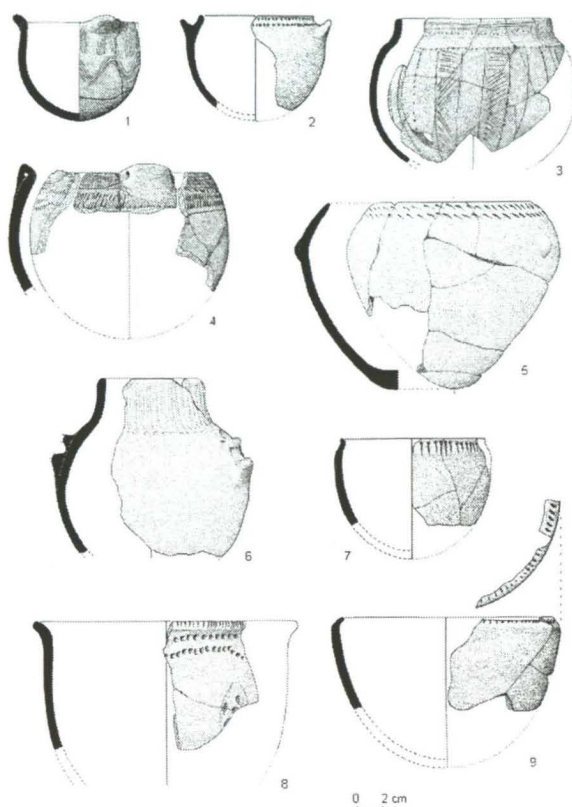
Quinta da Assentada, localiza-se numa rechã, a meio de uma vertente de acentuado declive, num local de alargado campo visual sobre a plataforma do Mondego.

## 2. Problemas da Investigação da Neolitização da Bacia Interior do Mondego.

Um primeiro problema resulta de nada sabermos sobre os antecedentes. A ausência de dados relativos a um povoamento da região em períodos anteriores ao 5º milénio AC tem levado a que se colocasse a hipótese de um território despovoado. Todavia, dados recentes que chegam de regiões periféricas, como a do Alto Douro português, vêm fortalecendo as suspeitas de que essas "ausências" se ficarão a dever sobretudo a insuficiências do registo e da pesquisa. No sítio do Prazo (Vª. Nª. de Foz Côa) foi identificada uma estratigrafia onde, precedendo níveis datados do Neolítico Inicial, se registaram dois depósitos sem cerâmicas e utensilagem polida: a camada 4 com uma indústria lítica talhada sobre quartzo de tendência microlítica, sem geométricos, e a camada 5 com uma indústria lítica talhada sobre quartzo e, predominantemente, sobre seixos de quartzito. A camada 4 foi datada pelo radiocarbono da 2ª metade do 7º milénio AC (7353±50 BP - 6351-6020 cal AC), refor-

çando a hipótese de estarmos perante contextos que documentam a ocupação daquele território durante o Mesolítico (Monteiro-Rodrigues, 2000). Mais no interior peninsular, são igualmente conhecidos contextos datáveis do epipaleolítico e mesolítico, como os níveis IV e V da Cueva del Nispero (Corchón Rodríguez, 1988-89), na Meseta Norte, os sítios de Abrigo de los Enerbales, Riberas del Sobre, El Sevillano, nas províncias de Madrid e Guadalajara (Jiménez Guijarro, 1998), ou os níveis IV e VI de Verdelpino (Moure Romanillo e López García 1979; Rasilla Vives *et al.*, 1996), na Meseta Sul. Este último contexto (nível IV) encontra-se datado dos finais do 8º / primeira metade do 7º milénio (7950±150 BP – 7291 – 6455 cal AC).

Deste modo, saber se a neolitização da bacia interior do Mondego se processa sobre um espaço povoado ou despovoado é, hoje, central a qualquer projecto que procure abordar a questão na região, na medida em que se manipulam cenários que implicam modelos muito distintos para explicar o processo. Aceitar o despovoamento desta região no Holocénico Inicial (hipótese progressivamente mais fragilizada), assumindo a actual ausência de informação como traduzindo uma ausência de efectiva ocupação humana, implica aceitar que a sua neolitização inicial se relaciona exclusivamente com uma expansão do sistema produtivo associada a movimentos migratórios colonizadores portadores de "utensílios neolíticos" e de práticas produtivas que, com um ou mais focos de origem, procederiam à ocupação destes espaços interiores ainda desocupados. Se, pelo contrário, considerarmos a possibilidade de um prévio povoamento da região (o que se vai configurando como o mais provável), a situação altera-se e outros modelos alternativos serão mais adequados para lidar com essa realidade. Não é que a presença de comunidades recolectoras no interior inviabilize o modelo démico de expansão territorial de comunidades já integradas em sistemas de subsistência produtores, mas torna o processo bem mais complexo. A expansão para territórios já ocupados, ainda que esparsamente ou mesmo residualmente, introduz novos elementos, os residentes, e estes não podem ser perspectivados como elementos passivos no processo. A variabilidade e a diversidade

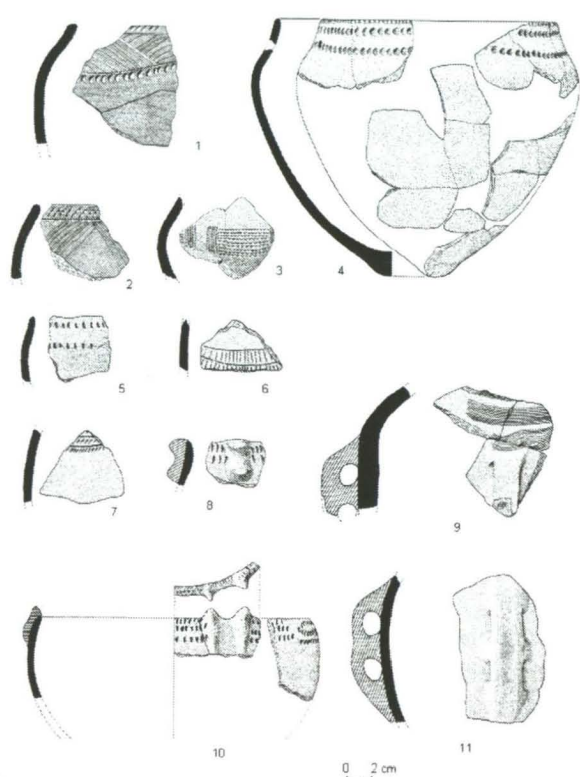


2. Buraco da Moura de S. Romão: recipientes cerâmicos. O n.º3 é almagrado.

que este pode assumir, as suas assimetrias, arritmias e tendências aleatórias, não se reportam apenas às condições dos contextos de origem, mas também às dos contextos de chegada.

Para lidar com tais situações tornam-se necessários modelos que não escamoteiem a variabilidade interna e as contingências que este processo de larga escala comporta. Modelos que considerem a filtragem e a aceitação selectiva nas relações inter comunitárias (Lewthwaite, 1986), onde as transformações e adaptações operadas sobre o que (e quem) vem de fora originam assimilações e retransmissões com alterações, por vezes muito significativas, relativamente ao foco de origem, ou ainda que ponderem as possibilidades de rejeição, de contorno e de percolação (Rodríguez Alcalde, *et al.*, 1996; Vincent, 1997; Soares, 1997; Jorge, 1999).

A aplicação de modelos de cariz "percolativo" à neolitização de determinadas áreas do interior peninsular tem sido contestada (Diniz, 2000). Partido dos mode-



3. Buraco da Moura de S. Romão: recipientes cerâmicos.

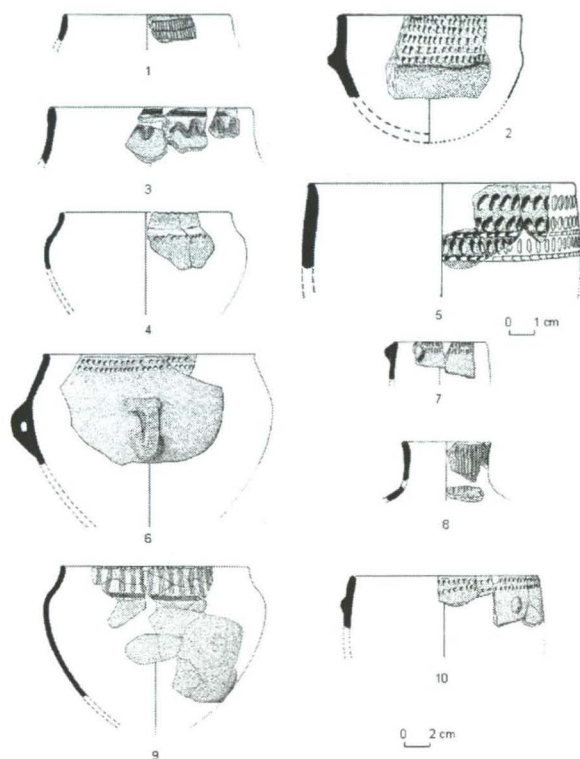
los que concebem as comunidades mesolíticas como constituídas por um número reduzido de indivíduos que exploram sazonalmente vastos territórios através de uma grande mobilidade, originando sistemas de povoamento de "malha frouxa", considera-se que não existe, no registo arqueológico, uma densidade de sítios mesolíticos que proporcione uma cobertura suficientemente ampla da paisagem necessária ao funcionamento do modelo percolativo de circulação da informação. Torna-se, assim, obrigatório considerar a efectiva entrada de colonos neolíticos equipados com novas tecnologias e novas estratégias de subsistência, configurando uma expansão do sistema produtor através de um modelo démico.

Outros autores apresentam a ocupação de espaços aparentemente desabitados e a presença simultânea dos elementos constituintes do tradicional "pacote neolítico" como argumentos para uma clara colonização do interior com significativa movimentação de populações portadoras de inovações tecnológicas e de uma economia produtora, processo que, com base nos dados

proporcionados pelo radiocarbono, é visto como particularmente rápido e precoce (Rojo Guerra e Estrema Portela, 2000; Kunst e Rojo Guerra, 1996). Na globalidade, embora considerando a possibilidade de várias vias para esta expansão, estas teses retomam a estabelecida por Fernández Posse (1980), o qual, com base nas semelhanças estilísticas das cerâmicas *post cardiais* andaluzas e levantinas propôs a constituição de um Neolítico Interior como resultado de um fenómeno de migrações com origem naqueles focos meridionais.

A defesa de uma predominância démica é normalmente pouco explícita quanto à origem dessas mesmas populações, nomeadamente se se tratam de colonos de origem extrapeninsular ou seus descendentes (segundo o modelo dual aplicado ao litoral – Zilhão, 1992; Marti Oliver, 1998) e/ou de grupos epipaleolíticos/mesolíticos já neolitizados. A Neolitização Indirecta, enquanto variante de modelos démicos, apresenta uma resposta a esta questão para as mesetas interiores (Bernabeu, Aura e Badal, 1993; Jiménez Guijarro, 1998 e 1999): considerada como um processo poligenético, a neolitização dos territórios do centro da península seria levada a cabo através do contacto estabelecido entre os grupos epipaleolíticos/mesolíticos que constituiriam o substrato local (referenciado em sítios como Verdelpino ou Cueva del Nispero) e grupos exógenos, também eles previamente neolitizados, mas portadores de tradições linguísticas/culturais comuns. O peso de um substrato cultural homogéneo é particularmente realçado e responsabilizado por uma continuidade que se considera caracterizar o Neolítico Inicial meseteno, a qual só seria possível através de uma forte interferência dos grupos mesolíticos em todo o processo. Realçando-se a simultaneidade com contextos cardiais do litoral, este processo é igualmente considerado rápido e precoce. Nesta variante, o processo de neolitização do interior ganha maior complexidade e às populações mesolíticas é garantido um papel mais activo: a formação cultural do Neolítico Interior é vista como a combinação de substratos locais com realidades já inicialmente mescladas por aculturação.

Como foi anteriormente sublinhado, considerar a existência de um substrato epipaleolítico/mesolítico



4. Penedo da Penha: recipientes cerâmicos. O n.º8 é almadrado.

presente e activo no interior não implica rejeitar a existência de mecanismos de difusão com deslocamentos de população, mas poderá reduzir a importância motora destas no processo, tornando-o certamente bem mais complexo. Sublinha-se, antes, a necessidade perceber os substratos aculturados e a forma com interferem no processo, tanto como receptores como retransmissores.

A expansão do sistema produtor, com base nos modelos démicos, resulta da implantação de sistemas demográficos abertos alimentados por uma economia produtora. Mas, face à rapidez que o processo parece assumir (demonstrada por um conjunto crescente de datações de radiocarbono que colocam a neolitização de áreas do interior peninsular na segunda metade do 6º milénio AC), cabe perguntar se houve tempo para que um crescimento demográfico das comunidades neolíticas litorais se tornasse numa pressão efectiva que explique um processo de colonização do interior tão rápido e generalizado. Note-se que as datações da Lavra, Prazo e Fraga d'Aia, assim como de vários contextos da sub-

meseta Norte, são contemporâneos dos contextos cardiais datados na Estremadura portuguesa, numa altura em que os vales do baixo Tejo e Sado eram ainda ocupados por caçadores-recolectores. A insipiência, genericamente assumida, das tecnologias agrícolas seria suficiente para permitir um tal crescimento demográfico rápido e denso? Um movimento demográfico territorialmente expansionista ligado ao desenvolvimento de uma economia produtiva não será antes, tal como aquela, um processo que se expressa sobretudo na longa duração? A mobilidade dentro de vastos territórios que caracteriza os modelos de territorialidade propostos para as populações de caçadores-recolectores não seria um mecanismo que favoreceria a rápida disseminação de inovações, a partir de uma rede de interacções que, mesmo que pouco apertada, certamente já cobria à muito grande parte do território peninsular?

Perante um substrato pré-existente, a neolitização terá que ser sempre vista como um processo multifacetado, onde fenómenos de colonização, selecção, substituição, adição, recriação e recusa terão que ser equacionados em cada região e caso concreto. Na Beira Alta, a especificidade dos contextos de BMSR e PP1 pode sugerir a entrada de população exógena, mas o seu significado para a neolitização da região só poderá ser avaliado à escala de todo o povoamento regional, nas suas particularidades e diversidades. Inserida na escala Mediterrânica, a neolitização da Península Ibérica poderá evidenciar uma certa homogeneidade, mas à escala peninsular e regional terá tido múltiplas facetas de que essa generalização não dá conta.

Uma outra questão diz respeito às formas de territorialidade destas primeiras comunidades neolíticas. A concentração que vai sendo evidenciada na plataforma do Médio Mondego poderá sugerir uma densidade anteriormente insuspeita. Os modelos económicos propostos, associados à ausência de evidências de clara sedentarização, sugerem sistemas ainda de grande mobilidade, caracterizados por estratégias de exploração territorial extensivas, onde o movimento regular é condição estruturante do sistema: o povoamento, a territorialidade, a percepção do espaço e as leituras da paisagem fundar-se-iam nessa mobilidade residencial.

Os sítios já identificados revelam uma grande diversidade, quer ao nível dos seus locais de implantação, quer no que respeita à intensidade/duração das suas ocupações, sugerindo que não existirá um único padrão específico para a implantação dos habitats destas comunidades, variedade que se associa à diversidade evidenciada pelos respectivos reportórios artefactuais. A diversidade, uma das características definidoras da humanidade, será sempre espectacular. Nas estratégias de implantação dos sítios está bem documentada, para o período em questão, em regiões periféricas como a Estremadura portuguesa ou a bacia do Alto Tejo (Madrid/Guadalajara). Uma territorialidade conformada por esquemas de exploração (sazonal ou não) de diferentes nichos ecológicos e a especialização funcional (contemplando habitats de base e acampamentos temporários, de duração e densidade de ocupação variáveis), constituem-se como cenários credíveis na explicação desta diversidade.

Outro problema em aberto é o da própria subsistência. Consideradas produtoras, na maioria das vezes exclusivamente por causa do seu equipamento artefactual, qual a real estrutura da economia destas comunidades? A informação é, na bacia do Mondego, praticamente nula. O discurso (Valera, 1997a e 1998), aqui como noutras áreas peninsulares, tem residido em inferências feitas a partir de leituras da implantação e características dos sítios, da funcionalidade espectacular dos conjuntos artefactuais ou de dados sobre a paleovegetação e da sua comparação com períodos posteriores. O quadro mais divulgado é o de uma economia ainda fortemente dependente da recollecção (vegetal e animal), com as actividades produtivas a terem um papel mais acessório, integrando modelos de exploração dos ecossistemas ainda relativamente próximos das comunidades recolectoras (Soares, 1995; Silva, 1997), onde a agricultura e a pastorícia teriam uma fase de "experimentação prévia", explorando leitões de cheia (Jiménez Guijarro, 1998 e 1999) ou, quando muito, configurando-se como uma "agricultura de tipo primitivo", onde a pastorícia é associada à exploração de solos leves em regime de queimada, com utilização de energia exclusivamente humana (Diniz, 2000; Sanches, 2000). No

Norte de Portugal, no abrigo do Buraco da Pala (Sanches, 1997), são conhecidas evidências directas de produção cerealífera, nomeadamente do trigo. Ainda no Norte, o sítio das Quebradas (Carvalho, 1999) forneceu poucas evidências da exploração de ovicaprinos. No leste da Meseta Norte, nos níveis inferiores da Cueva de La Vaquera, estudos polínicos revelaram o aproveitamento de leguminosas, eventualmente relacionável com os primeiros cultivos de regadio aproveitando solos de aluvião em áreas inundações fluvial (Jiménez Guijarro, 1998 e 1999), enquanto em La Vellilla se registaram evidências da exploração de animais domésticos.

Tomada na globalidade, a informação directa sobre um modo de subsistência produtor no interior peninsular (e mesmo em algumas áreas do litoral, como salientou Susana O. Jorge - 1999) não permite ainda considerar uma situação semelhante à que se verifica nos inícios do 5º milénio na Andaluzia, onde a economia produtora apresenta já consideráveis níveis de desenvolvimento, documentada através de uma agricultura generalizada e de contextos onde a fauna doméstica impera (Rubio, 1988). Em consequência, o estabelecimento de uma economia predominantemente produtora tem sido visto como um processo de longa duração, com a sua plena efectivação relegada para momentos finais do Neolítico e associado à Revolução dos Produtos Secundários. Contudo, convém insistir no facto de que, para o interior em geral e para a bacia do Mondego em particular, a informação actualmente disponível não parece ser ainda suficiente para possibilitar a caracterização e a avaliação, de forma concreta, aprofundada e consistente, dos processos de transmissão e adopção da economia produtora. Deste modo, não pode deixar de ser salientado que a tendência para o modelo de uma economia mista de pendore recolector acaba por derivar mais de uma ausência de dados do que de dados que documentem e comprovem ausências, pelo que também a sua validação se impõem à investigação futura.

Porém, o problema dos modelos de explicação da neolitização do interior peninsular, ou da neolitização em geral, entronca num outro, precisamente no que respeita às concepções de neolitização e aos enquadramentos teóricos que utilizamos para a abordagem do assunto.

De um modo geral, penso que a investigação da neolitização deve recuperar a noção de processo revolucionário, assumindo *revolução* como uma mudança estrutural (Pomian, 1978). O conceito não tem vocação ideológica imediata, mas operacionalidade na análise das tendências de longa duração e dos trajectos arritmados e velocidades descompassadas dos vários subsistemas. Neste enquadramento, seja apelando a perspectivas estruturalistas, seja recorrendo à utilização da teoria dos sistemas e a concepções orgânicas do funcionamento das sociedades, a neolitização não se resume à aquisição de uma economia produtora, a crescimentos demográficos e a um conjunto de inovações tecnológicas, mas a transformações que se operam nas várias vertentes do todo social, configurando um novo espaço de inteligibilidade histórica.

A análise do processo de neolitização, à escala da sociedade e da longa duração, deverá, assim, focalizar-se também nas relações sociais (uma maior emancipação relativamente aos constrangimentos do mundo natural, tem como contrapartida um reforço dos constrangimentos e solidariedades sociais), nas percepções e representações simbólicas do espaço e da paisagem (a noção de transformabilidade do espaço é mais descentrada relativamente a um espaço dado e inalterável, e a interacção identitária com a paisagem estabelece-se sobre novos fundamentos de maior emancipação), nas relações com o território (diferentes níveis de sedentarização, mobilidade, valorização e demarcação de territórios), na demografia, na gestão da morte, na expressão artística e religiosa (representações artísticas e simbólicas), etc. A esta escala de análise, a expansão da economia produtora deve ser vista como um processo diversificado e arritmado, em que o subsistema económico se encontra em constante interacção com outros subsistemas do todo social que, em situações e espaços diferentes, poderão desempenhar um papel tão ou mais importante na dinamização dessa transformação cultural global e na própria expansão ou adopção da economia produtora.

A título de exemplo, citem-se as ideias que sublinham que a presença de componentes do sistema produtor não comprova necessariamente a implantação de uma eco-

nomia produtora e que muitos dos seus indicadores ao nível da cultura material poderão ter inicialmente, entre comunidades de organização essencialmente caçadora-recolectora, um carácter mais simbólico que propriamente funcional (Zvelebil, 1996; Vincent Garcia, 1997). O subsistema ideológico teria, neste contexto, um papel particularmente activo na conformação dos processos de adopção, prática e expansão da economia produtiva e da panóplia artefactual e tecnológica que lhe está normalmente associada, sem que sejam descartáveis, razões de foro ecológico, demográfico ou outras.

Uma adopção precoce das cerâmicas por parte de caçadores-recolectores dos vales do Tejo e Sado foi explicada através das vantagens funcionais que este equipamento teria na armazenagem de alimentos não produzidos, actividade que aquelas comunidades já praticariam no final do Mesolítico (Soares, 1997). Todavia, e no que respeita concretamente à cerâmica, a sua adopção por grupos de caçadores-recolectores representa também a aceitação um elemento de expressão privilegiado, pois permite combinar a estilística morfológica com a decorativa, num objecto de fácil circulação. Reunindo estas potencialidades, a cerâmica pode constituir-se num meio activo de expressão/gestação de identidades de grupos ou comunidades (Sackett, 1990). Note-se que a decoração das cerâmicas é vulgar (e por vezes maioritária) nos contextos do Neolítico Inicial. O seu potencial em termos de linguagem simbólica, conjugado ou não com funções específicas, poderá, em certas circunstâncias, ter tido o papel mais preponderante na sua adopção e disseminação do que a sua eventual ligação a modelos de subsistência produtora.

Outro bom exemplo é a tese de Hodder (1990) relativamente ao papel central desempenhado pela sedentarização e pela organização residencial no processo de "domesticação económica" da Europa Oriental. Considerada como local de produção e reprodução de relações sociais estruturais, como uma verdadeira unidade produtiva de construção da unidade e organização do todo social, a residência é vista como uma metáfora da cultura e mecanismo de controlo do selvagem por essa mesma cultura, ajudando a criar uma nova dualidade,

central no processo de neolitização: o espaço doméstico (a *domus*, na expressão do autor) por oposição ao espaço selvagem (*agrrios*). A "domesticação económica" é, assim, estruturalmente acompanhada, se não mesmo em certas situações precedida, por uma "domesticação social e simbólica" estimulante da mudança económica e da inovação tecnológica, numa espécie de materialismo invertido. Suficientemente afastado da expressão que o processo assume na Europa Oriental, interessa sobretudo ao caso peninsular a ideia de que o simbolismo estruturante da neolitização, ou seja, o controlo do selvagem e as representações e conceptualizações cognitivas que isso implica, estarão presentes desde o início do processo, eventualmente com desenvolvimentos anteriores e com expressão material. Aliás, um certo uso intensivo dos recursos selvagens e determinados níveis de sedentarização e de armazenamento têm sido atribuídos a comunidades de caçadores recolectores.

Outro exemplo poderá ser encontrado nas abordagens estruturalistas da paisagem. Como salientei recentemente (Valera, 2000d), a neolitização compreenderá a passagem de uma percepção do espaço dado e inalterável a um espaço progressivamente percebido como construído, transformável e manipulável. Seguindo o esquema proposto por Criado Boado (1993), podemos fazer corresponder a estes primeiros momentos uma "Paisagem Naturalizada", caracterizada já por uma atitude "participativa" que envolve os primeiros "trabalhos de transformação efectiva do meio envolvente", antes da autêntica domesticação, que se verificará mais tarde, com a RP2. Ora esta mudança na relação com o espaço não pode ser vista apenas como uma consequência do processo, mas, de forma recursiva, também como um meio que o possibilita. "Esta transformação, em que progressivamente se vai observando o desenvolvimento da capacidade de intervir e modificar do Homem Social sobre o meio, resulta da interacção do progresso tecnológico, organização económica e social, movimentos demográficos, organização política e ideológica, mas também de transformações ao nível da estrutura mental, nomeadamente ao nível das categorias de processamento da percepção de espaço"

(Valera, 2000d). A neolitização possibilita a capacidade de progressivamente conceber a natureza como acessível à intenção humana de nela intervir, de a controlar e alterar, de a revalorizar. A simples presença de evidências produtivas, por mais ténues e parcas que sejam, tem implicações ao nível de vários subsistemas que jogam papéis estruturantes no processo. A ideia é resistir à centração, mais ou menos dogmática, nas alterações económicas e nas inovações tecnológicas, procurando, em cada comunidade, quais as vertentes do todo que são mais susceptíveis à inovação e ao desenvolvimento de tendências catalizadoras da mudança global, evitando um desmedido apego ao económico e tecnológico, ao funcionalismo e ao behaviorismo adaptativo.

Sendo uma transformação estrutural, a neolitização é um processo que se manifesta à escala da sociedade e cuja elaboração teórica de modelos apela à generalização e é essencialmente explicativa. Todavia, o seu carácter dialéctico, preenchido por contradições entre ordem estabelecida, inovação e difusão, expressa-se na agência, que a contemporânea sociologia da acção perspectiva como um permanente processo de relação recursiva entre agente (individual ou em grupo) e a totalidade social (Valera, *no prelo*). A neolitização foi também um processo que se manifestou à escala dos indivíduos e dos grupos, onde existiram agentes de mudança e agentes de resistência. É todo um novo questionário que se encontra por explorar, virado para a escala de análise do agente (difícil de conseguir) ou do grupo de agentes (mais acessível), e para a construção de discursos de carácter mais interpretativo. As contingências que originam as diversidades e pontuam qualquer processo de longa duração têm, aqui, a uma escala de análise privilegiada.

Deste modo, a abordagem do fenómeno da neolitização do interior peninsular necessita hoje, a par de um trabalho sistemático orientado para um alargamento consistente dos dados empíricos (entendidos como estádio de *reportage* – Runciman, 1983), de um alargamento das perspectivas teóricas de abordagem, igualmente de forma consistente, à imagem do que tem sido feito para outros períodos da Pré-História Recente.

## Referências Bibliográficas

- BERNABEU, J., AURA, J.E. e BADAL, E. (1993), *Al Oeste del Eden. Las primeras sociedades agrícolas en la Europa Mediterránea*, Madrid, Síntesis.
- CARVALHO, António Faustino (1999), "Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 2, número 1, p.39-70.
- CRIADO BOADO, F., (1993), "Límites y posibilidades de la Arqueología del Paisaje", *SPAL*, 2, Sevilla, Universidade de Sevilla, p.9-55
- CORCHÓN RODRÍGUEZ, M<sup>a</sup> Soledad (1988-89), "Datos sobre el Epipaleolítico en la Meseta Norte: La Cueva del Níspero (Burgos: España)", *Zephyrus*, XLI-XLII, Salamanca, p.83-100.
- DELIBES DE CASTRO, G. e ZAPATERO MAGDALENO, P., (1996), "De lugar de habitación a sepulcro monumental: una reflexión sobre la trayectoria del yacimiento neolítico de La Velilla, en Osorno (Palencia)", *Actas del I Congreso del Neolítico a la Península Ibérica*, Gavá, p.337-345.
- DINIZ, M. (2000), "As comunidades neolíticas no interior alentejano: uma leitura cultural e cronológica", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular - Neolitização e megalitismo na Península Ibérica*, Porto, ADECAP, p.23-33.
- IDEM (2001), "Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora", *Revista de Arqueologia*, Vol. 4, nº 2, Lisboa, IPA, p.111-113.
- ESTREMER PORTELA, M<sup>a</sup> Soledad (1999), "Sobre la trayectoria del Neolítico Interior: precisiones a la secuencia de la Cueva de La Vaquera (Torreiglesias, Segovia)", *II Congreso del Neolítico a la Península Ibérica - Sagvntvm-PLAV*, Extra 2, Valência, p.245-250.
- FERNÁNDEZ POSSE e DE ARNAÍZ, M. D. (1980), "Los materiales de la cueva del Aire de Pantones (Madrid)", *Noticiario Arqueológico Hispano*, 10, Madrid, p.39-64.
- FERREIRA, A.B. (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*. Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4, Lisboa.
- GODELIER, M. (1973), *Horizons, trajets marxistes en anthropologie*. Librairie François Maspero, Paris (Trad. Portuguesa, Edições 70, Lisboa, sd.).
- GONÇALVES, V.S. (2002), "Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5, nº2, Lisboa, IPA, p.153-189.
- HODDER, Ian (1990), *The domestication of Europe*, Cambridge, Basil Blackwell.
- IGLESIAS MARTÍNEZ, J.C., ROJO GUERRA, M. e ALVAREZ PERIAÑEZ, V. (1996), "Estado de la cuestión sobre el Neolítico en la Submeseta Norte", *Actes del I Congreso del Neolítico a la Península Ibérica*, Rubricatum, 1, Vol.2, p. 721-734.

- JIMÉNEZ GUIJARRO, Jesús (1998), "La neolitización de la cuenca Alta del Tajo. Nuevas propuestas interpretativas para el Neolítico de la Meseta", *Complutum*, 9, Madrid, p.27-47.
- IDEM (1999), "El proceso de neolitización del interior peninsular", *II Congrès del Neolític a la Península Ibérica, Sagvntvm-PLAV*, Extra 2, p.493-501.
- JORGE, Ana (2002), *Early neolithic pottery technology and social boundaries in the upper Mondego Basin (Central/Northern Portugal): the Penedo da Penha 1 and Buraco da Moura de S. Romão sites*, Final dissertation of the Masters Course in Archaeomaterials, University of Sheffield, policopiado.
- JORGE, Susana Oliveira, (1999), *Domesticar a terra*, Lisboa, Gradiva.
- KUNST, M. e ROJO GUERRA, M. (1999), "El Valle de Ambrona: un ejemplo de la primera colonización Neolítica de las tierras del Interior Peninsular", *II Congrès del Neolític a la Península Ibérica - Sagvntvm-PLAV*, Extra 2, Valência, p.259-270.
- LEMONS, P. Luís Ferreira de, (s/d), *Infias. Miniatura de um esboço monográfico*, Fornos de Algodres, Brochura dactilografada policopiada.
- LEWTHWAITE, J.G. (1986), "The transition to food production: a Mediterranean perspective", (M. Zvelebil, ed.) *Hunters in Transition*, CUP.
- MARTÍ OLIVER, Bernardo (1998), "El Neolítico", (Ignacio Barandiarán et al) *Prehistoria da la Península Ibérica*, Barcelona, Ariel, p.121-195.
- MARTÍNEZ PUENTE, M.E. (1989), *El yacimiento neolítico y de la Edad del Bronce de Los Cascajos-El Blanquillo (Quintanadueñas, Burgos)*, Universidade de Valladolid, Memória de Licenciatura.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio, (2000), "A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão - Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares", *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, ADECAP, p.149-180.
- MOURE ROMANILLO, A. e LÓPEZ GARCÍA, P. (1979), "Los niveles pre-neolíticos del abrigo de Verdelpino (Cuenca)", *XV Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, p.111-124.
- POMIAN, Krzysztof (1978), "L'Histoire des Structures", *La Nouvelle Histoire*, (Le Goff, J. dir.), CELP, Paris, p.530-552.
- RASILLA VIVES, M., HOYOS GÓMES, M. e CAÑAVÉRAS JIMÉNEZ, J.C. (1996), "El abrigo de Verdelpino (Cuenca). Revisión de su evolución sedimentaria y arqueológica", *Complutum*, Extra 6, Madrid, p.75-82.
- RODRÍGUEZ ALCALDE, A.L., ALONSO JIMÉNEZ, C. e VELÁZQUEZ CANO, O. J. (1996), "La difusión occidental de las especies domésticas: una alternativa a la "ola de avance", *Actas del Congrès del Neolític a la Península Ibérica*, Gavá, p.835-842.
- ROJO GUERRA, M. e ESTREMERÁ PORTELA, S. (2000), "El Valle de Ambrona y la Cuenca de La Vaquera: testimonios de la primera ocupación neolítica en la Cuenca del Duero", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular - Neolitização e megalitismo na Península Ibérica*, Porto, ADECAP, p.81-95.
- ROJO GUERRA, M. e KUNST, M., (1996), "Proyecto de colaboración hispano-alemán en torno a la introducción de la neolitización en las tierras del interior peninsular: planteamiento y primeros resultados", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia da Universidad Autonoma de Madrid*, 23, p.87-113.
- RUBIO, I. (1988), "La economía de subsistencia en el Neolítico hispano", (Coord. Pilar López) *El Neolítico en España*, p.337-418.
- RUNCIMAN, W.G. (1983), *A treatise on social theory*, The methodology of social theory, Vol. I, CUP.
- SACKETT, J.R. (1990), "Style and ethnicity in archaeology: the case for isochretism", *The uses of style in Archaeology*, New Directions in Archaeology.
- SANCHES, M. de Jesus (1988), "O povoado da Lavra (Marco de Canaveses)", *Arqueologia*, 17, Porto, GEAP, p.125-137.
- IDEM (1997), *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*, Porto, SPAE.
- IDEM (2000), "Reflexões sobre o povoamento do Neolítico Inicial do Norte de Portugal (VI - IV Milénio AC)", *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, ADECAP, p.181-200.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000), "O Castro do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)", *Por Terras de Viriato. Catálogo da Exposição 'Arqueologia da Região de Viseu'*, p.144-145.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. e ESTEVINHA, I.A. (1994), "O sítio de habitat das Carriceiras (Carregal do Sal). Notícia preliminar", *Actas do seminário O Megalitismo no Centro de Portugal*, Estudos Pré-Históricos, 2, Viseu, p.55-61.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. e VENTURA, J.M. (1999), "Espaço funerário e espaço cénico: a Orca do Folhadal", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 5, Lisboa, Colibri, p.21-34.
- SILVA, Carlos Tavares (1997), "O Neolítico Antigo e a origem do megalitismo no Sul de Portugal", *O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*, (Rodrigues Casal ed.), Santiago de Compostela, USC, p.575-585.
- SILVA, C.T. e SOARES, J., (1981), *Pré-História da Área de Sines*, Lisboa, GAS.
- SOARES, J. (1995), "Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências", *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, SPAE, p.27-45.
- IDEM (1997), "A transição para formações sociais neolíticas na costa sudoeste portuguesa", *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*, Universidade de Santiago de Compostela, p.587-608.

# Secção de História



Associação  
dos Arqueólogos  
Portugueses